

ALGUNS ELEMENTOS DA RELAÇÃO ENTRE RAZÃO E FÉ

Dom Paulo Cezar Costa

Doutor em Teologia pela *Pontificia Università Gregoriana* de Roma. Arcebispo da Arquidiocese de Brasília. Membro do Conselho Permanente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e da Pontificia Comissão para América Latina.

Resumo: A busca pelo conhecimento da verdade reflete, no ambiente cristão, a luz de uma abordagem que relaciona duas ciências autônomas – Filosofia e Teologia – num caminho de diálogo entre razão e fé pautado pelas fontes da revelação. Tal critério de discernimento guia o magistério eclesiástico em meio aos desafios do seu encontro com o progresso científico hodierno.

Palavras-chave: Fé. Razão. Verdade. Ciência. Filosofia. Teologia.

Abstract: The search for knowledge of the truth reflects, in the Christian environment, the light of an approach that relates two autonomous sciences – Philosophy and Theology – in a path of dialogue between reason and faith guided by the sources of revelation. This criterion of discernment guides the ecclesiastical magisterium in the midst of the challenges of its encounter with today's scientific progress.

Keywords: Faith. Reason. Truth. Science. Philosophy. Theology.

Resumen: La búsqueda del conocimiento de la verdad refleja, en el ámbito cristiano, la luz de un enfoque que relaciona dos ciencias autónomas, la Filosofía y la Teología, en un camino de diálogo entre la razón y la fe guiado por las fuentes de la revelación. Este

critério de discernimiento orienta al magisterio eclesiástico en medio de los desafíos de su encuentro con el progreso científico de hoy.

Palabras clave: Fe. Razón. Verdad. Ciencias. Filosofía. Teología.

Sommario: La ricerca della conoscenza della verità riflette, nell'ambiente cristiano, la luce di un approccio che mette in relazione due scienze autonome – Filosofia e Teologia – in un cammino di dialogo tra ragione e fede guidato dalle fonti della rivelazione. Questo criterio di discernimento guida il magistero ecclesiastico in mezzo alle sfide del suo incontro con il progresso scientifico odierno.

Parole chiave: Fede. Ragione. Verità. Scienza. Filosofia. Teologia.

Résumé: La recherche de la connaissance de la vérité reflète, dans le milieu chrétien, la lumière d'une approche qui met en relation deux sciences autonomes – la philosophie et la théologie – dans un chemin de dialogue entre raison et foi guidé par les sources de la révélation. Ce critère de discernement guide le magistère ecclésiastique au milieu des défis de sa rencontre avec le progrès scientifique d'aujourd'hui.

Mots-clés: Foi. Raison. Vérité. Science. Philosophie. Théologie.

Propõe-se, neste pequeno artigo¹, a abordar o relacionamento entre Fé e Razão. Parte-se do pressuposto de que Filosofia e Teologia são duas ciências autônomas, que possuem seus métodos próprios, de acordo com o seu objeto. Neste caminho, abrir-se-á um pouco mais o leque tratando da questão do relacionamento entre Teologia e Ciência. Aqui, serão simplesmente propostos alguns aspectos da questão: Num primeiro momento, pretendo tratar brevemente, a história do relacionamento entre as duas ciências e num segundo momento, propor alguns elementos importantes para esta relação.

HISTÓRIA DA RELAÇÃO

Desde os primórdios o Cristianismo sempre esteve atento ao diálogo com a razão. A patrística encontra-se com a razão neoplatônica onde a fé procura a razão e a razão procura a fé. *Intellectus querens fidei, fidei querens intellectum* (a razão que procura a fé, a fé que busca a razão). A razão é aquela neoplatônica, a razão contemplativa aberta ao mistério. Há uma integração profunda entre a luz da razão e a luz da fé. Justino, no segundo século, buscará dialogar com a razão. As especulações filosóficas lhe permitiram elaborar o conceito da absoluta transcendência de Deus. Tanto o Antigo Testamento como a filosofia grega são preparatórios para o Cristianismo. Ambos trazem em si as *sementes do Verbo*, sementes da verdade presentes em cada homem, e que se manifesta em modo particular na ética, no modo de orientar a vida segundo valores absolutos e universais. Neste sentido, Justino tem alta consideração seja por Moisés como pelos Filósofos como Heráclito, Sócrates, Platão. A grande habilidade de Justino consiste em identificar o Logos da filosofia Grega com Jesus Cristo, o Verbo encarnado. Quando os filósofos deixaram-se guiar pela reta razão, eles foram de certo modo cristãos.

Clemente nos dizeres de Jacques Liébaert *já aparece como verdadeiro humanista cristão, encarnando a dupla fidelidade dos Padres: ao mesmo*

¹ Recolhe-se aqui a conferência oferecida pelo autor no dia 12 de fevereiro de 2021, por ocasião da *Aula Inaugural* do Centro de Estudos Filosófico-Teológicos *Redemptoris Mater* de Brasília.

*tempo, à tradição cristã e à cultura de seu tempo*². Ele é grego e cristão com naturalidade. Na sua obra *Protreptico*, ou *Exortação aos Gregos*, obra de uma grande beleza literária, Clemente fala sobre a verdade do cristianismo abrindo um diálogo com a beleza literária de Homero. Na sua obra *Strômates*, ele trata da filosofia. A Igreja de Alexandria era composta por homens sábios e também por cristãos simples. Os cristãos simples recriminaram-lhe perder o seu tempo com a filosofia. Eles queriam a “fé sozinha e nua” (I, 43) e não somente nua da especulação filosófica, mas também de toda especulação, mesmo a teológica. O objetivo de *Strômates* é mostrar que a filosofia é uma coisa boa, porque querida por Deus. Diz ele:

Antes da vinda do Senhor, a filosofia era indispensável aos gregos para conduzi-los à justiça; agora se torna útil para conduzi-los à veneração de Deus. Ela serve de formação preparatória aos espíritos que querem chegar à fé pela demonstração. “Teu pé não tropeçará” como diz a Escritura, se atribuis à providência tudo o que é bom, tanto grego quanto cristão. Deus é a causa de todas as coisas boas, umas imediatamente e por si mesmas, como o Antigo e o Novo Testamento; outros por corolário, como a filosofia. Mesmo a filosofia talvez também tenha sido dada como um bem direto aos gregos, antes que o Senhor tivesse ampliado até eles o seu chamado, pois ela realizava a educação deles, exatamente como a Lei dos judeus, para ir até Cristo. A filosofia é um trabalho preparatório; ela abre o caminho àquele que Cristo depois torna perfeito...

A filosofia teve a tarefa pedagógica de conduzir os gentios para Cristo. Não há, por certo, senão um caminho da verdade, mas ele é como um rio inesgotável, para o qual correm os outros cursos d’água, vindos um pouco da cada lugar. Daí estas palavras inspiradas:

² LIÉBAERT, J. *Os Padres da Igreja. Século I-IV*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 87.

Escuta meu filho, e recebe as minhas palavras para teres muitos caminhos para a vida. Eu te ensino as vias da sabedoria, para que não te faltem fontes, as fontes que jorram [todas] da mesma terra. E não é somente para um único justo que ele diz haver vários caminhos de salvação; acrescenta que há para multidões de justos, multidões de outros caminhos; faz com que se entenda assim: os atalhos dos justos brilham como a luz. Pois bem, os preceitos e as instruções preparatórias são, sem dúvida, caminhos, impulsos de nossa vida...³.

Agostinho de Hipona consegue elaborar uma grande síntese entre a fé cristã e a filosofia neo-platônica. Com ele toma forma a famosa síntese entre fé e razão: *Crede ut intelligas, intellige ut credas* (Crê para entenderes, entende para creres). Comenta Batista Mondin: *A síntese não era difícil porque platonismo e cristianismo se encontram em pontos de fundamental importância como, por exemplo, a imortalidade da alma, a criação do mundo, o dualismo ontológico (de mundo sensível e mundo inteligível), as verdades eternas*⁴. A síntese agostiniana fez história por longos anos na história do relacionamento entre fé e razão.

Se havia este diálogo entre o mundo filosófico e a Teologia, com o surgimento das Universidades se coloca então agora, um problema novo, a cientificidade da Teologia. A Teologia está assim, intimamente ligada ao mundo científico, desde a origem das Universidades. A problemática da cientificidade da Teologia se coloca em termos mais explícitos no sec. XIII com o surgimento da primeira Universidade. Em 1200, em Paris se abre a primeira Universidade tendo como centro o estudo da Teologia; segue imediatamente a Universidade de Bolonha para especialização no estudo de direito. Em Nápoles a Universidade será fundada em 1224 e a partir daí, se vê um estender-se contínuo destas instituições: Salamanca (1254), Perugia (1308), Cracóvia (1364) e Florença (1349).

³ CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Stromata*, I,5,28-29.

⁴ MONDIN, B. *Curso de Filosofia. Os Filósofos do Ocidente*, vol.1, São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 149.

A passagem de uma «teologia monástica» para aquela «urbana» e «universitária», torna-se uma realidade. A teologia passa de comentário da Sagrada Escritura a ciência. É um momento histórico em que ao lado da Teologia se ensina as ciências liberais; a jurisprudência parece ocupar sempre mais um papel predominante, assim como inicia a se ensinar a medicina. Do instrumental filosófico neoplatônico se passa ao aristotelismo. Se sai do feudalismo. Cresce o relacionamento entre as nações, mediante o desenvolvimento do comércio, tudo deixa transparecer uma nova compreensão do homem, da sua vida e do seu mundo. O homem da época não é mais passivo diante do mundo, e interroga o criado pondo os eternos por quês sobre os princípios e a existência da realidade.

A Teologia, que até este momento, era sempre vista a luz de Santo Agostinho como sabedoria, é tomada pelas mudanças do momento. Ciência entre as ciências, encontra o seu lugar na Universidade, sinal e expressão mais alta da pesquisa e do conhecimento certo. A teologia é obrigada a submeter-se à normatividade da organização institucional das ciências e do ensino acadêmico. São Tomás de Aquino, mestre na Universidade, levará às suas mais extremas consequências a intuição anselmiana da *fides quaerens intellectum*, ousando aplicar os procedimentos próprios da ciência aos conteúdos da revelação. Ciência define-se como conhecimento certo e sempre válido, resultado de dedução lógica. São Tomás trata do problema no início da Suma Teológica, colocando a questão se a «sagrada doutrina era uma ciência». São Tomás diz que sim. A teologia diz-se ciência, não no sentido de ter evidência imediata de seus princípios, isto é, das verdades reveladas, mas enquanto ciência subordinada à ciência de Deus. Os princípios da teologia só tornam-se evidentes na ciência mesma de Deus, isto é, na ciência que Deus tem de si. A teologia recebe da ciência de Deus – a ciência subordinante – os seus princípios. Está em continuidade com essa ciência de Deus, em que as verdades reveladas participam da evidência divina

pela revelação e fé. É conhecimento certo e dedutivo, mas a seu modo⁵. A teologia como subalterna, subordina-se à ciência superior de Deus e dos santos. Adquire-se, por isso, mais dignidade que aquelas que se fundam em princípios conhecidos à luz natural do intelecto e por si evidentes. Tomás se insere no interno mesmo da definição de ciência e aplica a teologia não de maneira extrínseca, mas de forma orgânica e coerente. A Teologia será uma ciência subalterna, porque não tem evidência dos próprios princípios que são deduzidos dos artigos da fé.

Com Tomás de Aquino, a razão não será mais a razão neoplatônica, mas aquela aristotélica. Para Tomás, fé e razão são modos diferentes de conhecer, sendo filosofia e teologia ciências diferentes. Para o doutor Angélico as duas ciências não podem contradizer-se entre elas, pois ambas procedem da mesma fonte da verdade: a razão como natureza criada por Deus e a fé, como revelação de Deus. A razão é incapaz, por si só, de penetrar nos mistérios de Deus. A razão para Tomás é aquela subordinada, serva da Teologia. *Filosofia ancilla teologiae* é o famoso axioma para exprimir este relacionamento.

Os primeiros a reconhecerem a autonomia que a filosofia e as ciências precisavam para se debruçarem eficazmente sobre os respectivos campos de investigação foram São Alberto Magno e São Tomás de Aquino. Porém admitiam uma ligação orgânica entre filosofia e teologia. Depois, esta separação foi se radicalizando devido ao espírito excessivamente racionalista de alguns pensadores, radicalizando as posições, chegando a uma filosofia separada e absolutamente autônoma dos conteúdos da fé. Boa parte do pensamento ocidental moderno se desenvolveu num progressivo afastamento da revelação cristã até chegar explicitamente a uma contraposição. No anos 1800, esse movimento chegou ao seu apogeu⁶.

Com a escola de Oxford se começa a *via nominalis* ou a via moderna. Justaposição entre fé e razão. Averrois como seus seguidores propunham

⁵ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica* I q.1^o. 10.

⁶ *Fides et Ratio*, 45 e 46.

a chamada *teoria das duas verdades* coexistindo inconciliáveis no mesmo espaço mental: verdade da razão e a verdade da fé. Aqui se inicia a oposição entre razão e fé.

Com Copérnico, Galileu Galilei e Newton, nascem os primeiros conflitos entre a Teologia e a ciência moderna. A teologia oferecia um sistema de representação global da realidade apoiado sobre a fé, como princípio totalizador e integrador. As ciências modernas invertem o método. Partem da experiência verificável, matematizável e tentam estudar os fenômenos, as causas segundas, em termos de leis físicas, constantes, universalmente válidas, independente do aval de outras ciências. Sua verdade se apóia na racionalidade da experiência que se deixa repetir e verificar em determinadas condições. A certeza se fundamenta na verificação experimental. Os conhecimentos, que formam o corpo teórico das ciências, adquirem-se por meio de métodos muito precisos de experimentação, nos quais as afirmações se provam imediatamente, desde que respeitem as condições do experimento. Como a Teologia não cumpria essas condições de ciência, por isso era rejeitada. Por sua vez, a Teologia adjudicava ao orgulho humano esta pretensão de absoluta autonomia. O processo Galileu se fez simbolicamente o marco deste conflito.

Com o racionalismo tem-se a razão que se exprime na categoria do finito. Somente aquilo que está no espaço e no tempo pode ser objeto da razão. A razão domina o mundo da matemática, da física, etc. A razão é a razão kantiana. A metafísica perde o seu espaço. "A filosofia moderna, esquecendo-se de orientar a sua pesquisa para o ser, concentrou a própria investigação sobre o conhecimento humano. Em vez de se apoiar sobre a capacidade que o homem tem de conhecer a verdade, preferiu as suas limitações e condicionamentos"⁷.

A contraposição ao racionalismo se dá com o fideísmo. Com o fideísmo tem-se a afirmação da fé em oposição à razão. A razão não pode conhecer

⁷ *Fides et Ratio*, 5.

a Deus. A razão neste método é a razão pecadora. Aqui se tem uma ruptura com o primeiro milênio. O racionalismo radical e o racionalismo moderado foram condenados pelo Concílio Vaticano I; o fideísmo foi condenado, mas somente o fideísmo radical, o fideísmo moderado não foi condenado.

ALGUNS ELEMENTOS ILUMINATIVOS

A busca da verdade é inerente ao ser humano. Tanto a razão quanto a fé são caminhos da busca da verdade.

Fé e razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de conhecer a Ele, para que, conhecendo-o e amando-o, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio⁸.

A teologia tem uma colaboração própria que só ela pode dar às reflexões filosóficas. Há horizontes aos quais a razão sozinha não pode chegar. Na sua abertura ao transcendente, na busca da verdade, somente a teologia pode apontar para a verdadeira transcendência do Deus de Jesus Cristo, que responde ao sentido absoluto da busca do coração humano. Esta afirmação mostra que somente a partir do mistério de Cristo, o ser humano encontra a sua verdadeira realização. João Paulo II, na sua primeira encíclica, *Redemptor hominis*, reafirma os princípios centrais da antropologia cristã à luz de *Gaudium et Spes* 22. Diz ele:

E por isto precisamente Cristo Redentor, como já foi dito acima, revela plenamente o homem ao próprio homem. Esta é – se assim é lícito exprimir-se – a dimensão humana do mistério da redenção. Nesta dimensão o homem reencontra a grandeza, a dignidade e o valor próprios da sua humanidade⁹.

⁸ *Fides et Ratio*.

⁹ *Redemptor hominis*, 10.

Na sua homilia no dia da posse, ele afirmará esta centralidade de Cristo para a iluminação do mistério do homem: “o homem não pode compreender a si mesmo profundamente [...] com suas inquietude, incerteza e também fraqueza e pecaminosidade, com a sua vida e morte, sem aproximar-se de Cristo”.

O número 73 de *Fides et Ratio* expressa esta relação circular:

À luz destas considerações, a justa relação que se deve instaurar entre a teologia e a filosofia há de ser pautada por uma reciprocidade circular. Quanto à teologia, o seu ponto de partida e fonte primeira terá de ser sempre a palavra de Deus revelada na história, ao passo que o objetivo final só poderá ser uma compreensão cada vez mais profunda dessa mesma palavra por parte das sucessivas gerações. Visto que a palavra de Deus é Verdade (cf. Jo 17, 17), uma melhor compreensão dela só tem a beneficiar com a busca humana da verdade, ou seja, o filosofar, no respeito das leis que lhe são próprias. Não se trata simplesmente de utilizar, no raciocínio teológico, qualquer conceito ou parcela dum sistema filosófico; o fato decisivo é que a razão do crente exerce as suas capacidades de reflexão na busca da verdade, dentro dum movimento que, partindo da palavra de Deus, procura alcançar uma melhor compreensão da mesma. É claro, de resto, que a razão, movendo-se dentro destes dois pólos — palavra de Deus e melhor conhecimento desta, — encontra-se prevenida, e de algum modo guiada, para evitar percursos que poderiam conduzi-la fora da Verdade revelada e, em última análise, fora pura e simplesmente da verdade; mais ainda, ela sente-se estimulada a explorar caminhos que, sozinha, nem sequer suspeitaria de poder percorrer. Esta relação de reciprocidade circular com a Palavra de Deus enriquece a filosofia, porque a razão descobre horizontes novos e inesperados.

Entre a teologia e as demais ciências não pode haver oposição, mas uma relação de interação, pois “o mesmo Deus que revela os mistérios e infunde a fé dotou o espírito humano da luz da razão”¹⁰. A oposição se dá quando não são respeitados os campos epistemológicos próprios de cada ciência e os *princípios éticos que devem reger a pesquisa científica*. Por exemplo, não é papel da física, a partir da sua pesquisa sobre a origem do universo, afirmar ou não a existência de Deus. A ela cabe tentar decifrar os elos de uma realidade já dada e a partir desta, perceber os limites das suas respostas. A questão de Deus ou do fundamento de toda a realidade é objeto da teologia e da filosofia. Cada ciência possui um objeto próprio e um método próprio, adaptado ao seu objeto, que aplicado com rigor e sem manipulação deverá conduzir aos resultados. O conflito entre fé e ciência se dá quando uma ciência invade o espaço epistemológico da outra. Entre Teologia, filosofia e demais ciências deve estabelecer-se uma profícua colaboração, pois somente uma leitura da realidade a empobrece, tornando-se incapaz de dar-se conta da complexidade, sentido, beleza e principalmente do Fundamento da realidade.

Para a utilização dos elementos filosóficos e de outras ciências na reflexão teológica deve-se ter atenção à natureza própria da teologia. É a luz da fé que fornece à teologia os princípios de discernimento.

*O critério final e decisivo da verdade não pode ser, em última análise, senão um critério teológico. É a luz da fé, e daquilo que ela nos ensina sobre a verdade do homem e sobre o sentido último de seu destino, que se deve julgar da validade ou do grau de validade daquilo que as outras disciplinas propõem*¹¹.

A filosofia e as outras ciências constituem um verdadeiro *kairós* para a teologia, colocando-a diante dos novos desafios. O decreto *Optatam Totius* n.15 propõe um objetivo audacioso:

¹⁰ CONCÍLIO VATICANO I: DS 23017.

¹¹ Instrução sobre alguns Aspectos da Teologia da Libertação, VII, 10.

As disciplinas filosóficas devem ser ensinadas de tal modo que os estudantes se sintam conduzidos a adquirir, sobretudo um conhecimento sólido e coerente do homem, do mundo e de Deus, apoiados no patrimônio filosófico perenemente válido. Tenha-se em conta também as investigações filosóficas dos tempos modernos, em especial as de maior influência na respectiva nação, bem como o mais recente progresso das ciências, para que os alunos conheçam de maneira exata a índole da época presente e se preparem convenientemente para o diálogo com os homens de seu tempo.

Como faz notar, as outras ciências ajudarão os estudantes a perceberem a índole da época e a estabelecer diálogo com o ser humano do tempo presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre alguns Aspectos da «Teologia da Libertação»*, 6 de agosto de 1984.

JOÃO PAULO II, Santo. Carta Encíclica *Fides et Ratio* sobre as relações entre fé e razão, 14 de setembro de 1998.

_____. Carta Encíclica *Redemptor hominis*, sobre o Redentor do homem, 4 de março de 1979.

LIÉBAERT, J. *Os Padres da Igreja. Século I-IV*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MONDIN, B. *Curso de Filosofia. Os Filósofos do Ocidente*, vol.1, São Paulo: Edições Paulinas, 1985.